



O TABU DA MATERNIDADE EM A MENINA QUE QUERIA NASCER DE NOVO

Rosane Salete Freytag<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo propõe uma leitura do conto “A menina que queria nascer de novo” de autoria da escritora mato-grossense Maria da Paz Sabino, focando questões em relação ao gênero feminino, seus conflitos e sofrimentos diante da maternidade apontados por uma menina que precisava entender como foi a sua chegada ao mundo e de seus irmãos. Não comungava com as explicações míticas em torno do nascimento fornecidas pela mãe e demais mulheres da família, visto que não respondiam seus questionamentos e incertezas, pois vivia num espaço onde os tabus diante do corpo feminino norteavam a vida das mulheres. O corpo era sagrado e deveria ser protegido de qualquer situação profana, toda informação sobre o físico deveria ser resguardada, porque o estigma da dor e sofrimento compunha a vida feminina.

**Palavras-chave:** Feminino, nascimento, maternidade, sofrimento, violência simbólica.

**Abstract:** The article proposes a reading of the story “The girl who wanted to be born again” authored by the writer of Mato Grosso Maria da Paz Sabino, focusing on issues in relation to female, its conflicts and sorrows of motherhood before pointed out by a girl who needed to understand how was your arrival in the world and his brothers. Not communed with mystical explanations surrounding the birth provided by the mother and other women of the family, since it did not address their questions and uncertainties, as she lived in a place where taboos on female body shaped the lives of women. The body was sacred and should be protected from any situation profane, all information about the physical should be protected, because the stigma of pain and suffering tied the women’s life.

**Keywords:** Female, Birth, maternity, suffering, symbolic violence.

A cultura expressa e vivida pela protagonista, ainda menina, do conto da escritora Sabino, traduz o percurso da complexidade em torno do mito da maternidade, ela queria entender como tinha vindo ao mundo “Quando criança, eu tinha um grande sonho: saber como nasci ou de onde vim” (SABINO, 2009, p.01). Logo precisaria compreender os rituais do ser mãe e as justificativas místicas em torno do parto. Os relatos são contados

<sup>1</sup> “Doutora em História da Literatura e Literatura Comparada. Docente da Unemat”.

sob os paradigmas de uma adolescente, que vive o nascimento do irmão, mas a partir do seu saber, da sua referência de vida, nada conhece dos tabus domésticos ocultados pelas mulheres diante do parto, assunto proibido aos olhos de uma menina.

Nós ficávamos brigando entre si, cada um olhando com mais expectativa para o céu porque era de lá que vinha a criança. Se ela vinha de avião ou nas asas de alguma ave, nós não sabíamos. A única certeza no momento era que ia nascer uma criança [...] Foi assim que João veio ao mundo. Um menino branco, careca e de cunhão. (SABINO, 2009, p.01)

A menina buscava explicação a partir da historicidade do seu conhecimento, informações ouvidas, recontadas e transmitidas de mãe para filha ao longo das gerações, estas sustentadas pelas leis naturais e pela cultura de um povo que vive uma estrutura social regada pela simplicidade e dualidade da existência humana, prescrita pelos princípios do homem religioso, o sagrado e profano. A religião é um mecanismo capaz de justificar que criança deve se limitar a assuntos específicos da infância e parto é atribuído para adultos. Logo as ideias expressas são criações da menina protagonista, são retalhos costurados sobre como ela imagina o nascimento do irmão, a partir do que ela ouve e vê.

Para compreender as atitudes da protagonista menina e suas relações sociais no cenário expresso no conto, é preciso conhecer o universo cultural vivido pela jovem, vive num espaço rural, num período em que o acesso as informações era limitado,<sup>2</sup> com uma cultura que convergia para um campo quase que particular, restrita ao que as outras pessoas tinham vivido e o mais frequente eram os ritos e dogmas religiosos, a partir deles norteava-se a vida de cada novo ser.

A obra retrata o nascimento de um menino sob uma perspectiva sagrada, protegida por códigos e crenças organizadas como verdades absolutas, repetidas no ritual do parto das mulheres daquele contexto, mas sob o olhar atento de uma menina que procura entender o inexplicável naquela conjuntura social e cultural, embora real, seu irmão estava para chegar. “Já tinha muitas mulheres falando, correndo, andando de um lado pro outro. Eu ouvia um tal de “seja forte minha comadre!” O que estava acontecendo a gente não sabia. Mas eu tinha uma grande curiosidade”. (SABINO, 2009, p. 01). As falas das mulheres preconizavam um momento difícil, embora desconhecido das crianças.

“O ser sagrado é o ser proibido que não pode ser violado, do qual não ousamos nos aproximar, porque não pode ser tocado [...] que isolam e protegem do profano.” (RODRIGUES, 2006, p.30). O mistério em torno da vida se confunde, o nascer é um ato que traduz o milagre da vida, embora explicar esse processo é algo obscuro, não se pode dizer as crianças, elas são puras, logo o nascimento percorre caminhos sagrados e simultaneamente profanos, pois envolve a sacralização da vida e a materialização do ato sexual na concepção. A mãe não consegue explicar o óbvio da maternidade, a sua formação e os quesitos dogmáticos da sua crença, limitam-na em suas prerrogativas em torno do processo que deveria ser natural na vida, bem como seus preceitos são invioláveis aos olhos dos atores

<sup>2</sup> Essas informações foram possíveis, devido o contato com a escritora que reportou a passagem do tempo cronológico da história gravada no conto, segundo ela são marcas de histórias reais assistidas no interior do Brasil no século XX.

sociais adultos da comunidade envolvida, pois vivem sob a dominação de uma determinada lógica e se comportam segundo ela, mesmo de forma inconsciente, o que conhecem preconizam como verdade única.

A cultura, distintivo das sociedades humanas, é como um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social[...] Viver em sociedade é viver sob dominação dessa lógica e as pessoas se comportam segundo as exigências dela, muitas vezes sem ter consciência dela. (RODRIGUES, 2006, p.18)

No conto de Sabino, as mulheres estão reunidas em torno de um ritual do corpo feminino, o nascimento, sob um modelo clássico e rudimentar, sem assistência médica ou de algum outro recurso tecnológico que pudesse auxiliar em caso de emergência. Prepararam o cenário para o evento, todas sempre fizeram da mesma forma, num ritmo cultural delas tudo é feito no maior controle, as crianças são afastadas do interior do cenário partitivo. “A casa começava a ficar cheia de mulheres que falavam coisas que nós não entendíamos. A gente olhava pela fecha da janela pra ver o que tava acontecendo. Logo vinha alguma tia e botava a gente pra correr [...] O murmurinho aumentava e uma janela se abria! Uma das mulheres abria a janela, olhando para uma pequena estrada como se tivesse esperando alguém” (SABINO, 2009, p.01). É a visão do desconhecido, se olha o nada, parece reproduzir o vazio daquela mulher da janela, ela apenas sabe um pouco a mais da menina, sabia que a criança ia nascer do ventre da mãe, mas limitava-se a isso, não tinha argumentos para explicar as crianças o que estava acontecendo, logo cercar as informações e a participação delas era o formato mais fácil para resolver a situação vivida.

As mulheres apegaram-se aos mistérios das suas crenças e rituais difundidos no seu mundo, para ocultar a protagonista, uma menina, a origem da vida e o nascimento, visto que, na concepção das mulheres simples, camponesas e com pouca ou nenhuma escolaridade, crianças não precisavam entender o processo natural da existência humana e a chegada de um novo ser. Na concepção delas, a gravidez, o nascimento eram assuntos de adultos, em especial de mulheres experientes sexualmente, ou seja, as casadas, então, qualquer discussão ou fato em torno do tema, deveria manter-se no mais absoluto silêncio e discrição e quando forçadas a possíveis argumentações, esquivavam-se com expressões como: “Sai daí menina enxerida! Tu não sabes que criança não pode ver essas coisas?” (SABINO, 2009, p.01). É a visão do sagrado em torno do corpo feminino e tudo o que nele reflete, deve ser resguardado, temido e separado das fronteiras da profanação.

Mas na menina não povoava qualquer indício de mistério em torno da origem da vida, ela tratava o assunto com naturalidade, não percebia como algo impuro e proibido. “Alguma coisa estava acontecendo que nós não podíamos ver, mas sabíamos que o nosso irmãozinho estava para chegar” (SABINO, 2009, p.01). Era uma criança curiosa e insaciável, queria compreender o que se passava na sua ambiência familiar e as respostas ásperas e descrentes fundadas nos arcaísmos não satisfaziam suas curiosidades e continuava com suas dúvidas. “Lá de fora, nós ouvíamos: vai nascer! Se vai nascer... então temos que olhar pro céu, porque criança vem de lá! [...] porque é que uma criança tem que vim do céu, se mamãe dizia que nosso irmãozinho estava na barriga? [...] tinha que sair da barriga”

(SABINO, 2009, p.01, 02). A protagonista continuava com suas agruras e questionamentos, pois a ideia da sacralização que o bebê vinha do céu era um conceito abstrato para o olhar insaciável de uma menina observadora e atenta as fases da gestação da mãe, viu a barriga crescer e diminuir, e desconfiava do que acontecia no corpo materno, “toda vez que a criança nascia, a barriga de mamãe ficava pequena” (SABINO, 2009, p.02) também percebia que todas as crianças de sua casa só nasciam depois que “Madrinha Vitória” chegasse, era a parteira da família, “Sempre tive uma certa desconfiança de que era ela quem trazia o filho de mamãe escondido em algum lugar!” (SABINO, 2009, p.01), bem como, “Tio Manoel Sérgio” necessário na relação dos gêneros, é a imagem masculina de um ser superior capaz de proteger as mulheres, em especial a mãe da menina que daria a luz.

O tio reporta o símbolo da segurança feminina naquela casa sem a presença do pai na hora do parto. Um homem que não manifesta sua opinião, fica calado o tempo todo, mas a sua condição masculina é suficiente, não precisa fazer discursos para se mostrar, é a imposição da ordem social dos sexos. Tio Manoel Sérgio é o símbolo da dominação masculina, mesmo numa situação que envolve o nascimento de um filho que não é seu e num contexto feminino, descrito num cenário doméstico, uma ação física da mulher – parto - o homem tem seu poder instituído, basta se fazer presente.

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção; a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada as mulheres. (BOURDIEU, 2002, p.09).

A ocultação e desconhecimento de informações referentes à gestação e ao parto provocavam situações contraditórias para a protagonista menina e para aquelas mulheres das camadas populares, com pouco ou nenhuma formação formal, tudo o que sabiam sobre as relações com o corpo aprenderam pelas vias da informalidade, uma cultura permeada por mistérios, repressões e tabus, “O ser humano possui uma estrutura biológica, a qual lhe permite ver, ouvir, cheirar, sentir, pensar, porém, a cultura, fornece o rosto de suas visões, sentimentos e pensamentos, criando novos cheiros, sons e visões constituindo novos universos” (RODRIGUES, 1979, p.125), a condição das mulheres limitava-se a procriação sob um paradigma instintivo, deveriam sofrer as dores do parto pela condição de serem mulheres, se algo acontecesse de grave ao seu corpo, tudo se justificava por serem mulheres, ou seja, toda mulher deveria aceitar, porque foi assim, na história de suas avós, mães, tias, irmãs.

A gravidez era tema reservado, tratado por mulheres preferencialmente casadas, essas não estabeleciam um diálogo com as paredes externas de suas casas, viviam na clausura da sexualidade, pois eram abençoadas pelos rituais sagrados da fé religiosa, elas comunhavam os cânones da união sagrada nomeadas pelo casamento, caso contrário, seriam profanas, pecadoras, não eram mulheres ‘sérias e direitas’, seriam mulheres “perdidas”,

desamparadas, excluídas, sem proteção divina ou terrena. “A condição da mulher é representada numa visão conservadora e discriminatória que engendra formas de silenciamento e exclusão” (PIRES, 2003, p.202). Essa condição excludente é reforçada pela própria mulher. Ela vive a clausura do casamento, cuida dos filhos e da casa, não abandona o reduto familiar, enquanto ao marido, é permitido buscar outros ambientes para garantir o sustento da família, é a visão patriarcal do espaço doméstico, a mulher gera, cria, educa o filho, já o homem precisa ‘trabalhar’. A vida feminina expressa no conto se reduz a maternidade. Ela deve priorizar o filho e vive para ele.

Se no mundo adulto as mulheres viviam esses arquétipos de feminilidade sustentados, na repressão e passividade do corpo, transformar o assunto em rodas de conversa para crianças era extremamente delicado e elas nem sabiam como fazer, o conhecimento era restrito aos preceitos da moral do corpo que era objeto de repressão, elas não conheciam o próprio corpo, e como explicar outro corpo dentro dela. Logo falar o que se passava no corpo feminino daquelas mulheres era um estranhamento, como se falasse de um ser externo a elas.

A MULHER? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto “fêmea” soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: “É um macho!” O termo “fêmea” é pejorativo, não porque enraíze a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo. E se esse sexo parece ao homem desprezível inimigo. (BEVOUIR, 1967, p.27)

No conto, o corpo feminino não tem o mesmo referencial que o masculino, a condição cultural, ao mesmo tempo em que o diviniza, a reduz a condição de fêmea, denigre a sua condição de ser humano, mãe e mulher, é uma mera procriadora, assim foi feita e descrita nos cânones religiosos, não tem a função de sentir prazer, ser amada, admirada, seu corpo é domesticado para parir e o sucesso do parto dependerá da fé e crença da mãe, que teve seu filho em casa com parto natural, sem a ajuda e cuidados médicos. É a pura tradução do mito onde o parto é a prova que a mulher deve sofrer, sentir as dores para gerar e dar a luz a seu filho, porque é uma pecadora.

O parto sempre foi cercado de mitos e crenças e, a para mistificá-lo mais ainda, a Bíblia Sagrada menciona que as dores do parto são como castigo que a mulher deve sofrer por ter cometido o pecado original, expressando, assim algo que é a realidade psíquica, tanto para a mulher crente como para a atéia: que seu filho é fruto do pecado e dar à luz a faz merecedora do castigo. (BEZERRA, 2006, p.04)

As dificuldades de entender o universo feminino descrito na narrativa perpassam pela identidade cultural, que representa o modo de viver das mulheres descritas, elas vivem descontextualizadas em relação às informações à maternidade, estão num reduto social e cultural que limita visualizar experiências novas, situações que geram mais segurança e

qualidade de vida na hora do parto. Para elas, ser mãe é sinônimo de uma cultura canônica, com base nos princípios do homem religioso ou bíblicos, onde toda mulher deve dar a luz quantas vezes Deus permitir, é uma procriação desumana, sem planejamento, como se a maternidade não tivesse uma relação humana, mas um formato orgânico, é a progenitora, a fêmea e tudo o que se passa em torno deve ter uma aceção dogmática, limitada e cerceada de liberdade, como se o corpo feminino estivesse preso às algemas canônicas.

O nascimento, o parto descrito no conto, tem funções que competem às fêmeas, um ritual obrigatório para as mulheres da narrativa, todas deveriam passar para comprovar o ciclo da vida, era inconcebível ser mulher e não procriar. Uma cobrança ao corpo feminino, porque ao homem, não havia essas exigências de ser pai, também não lhe competia às responsabilidades paternas, pois a figura masculina não é retratada, ele não era necessário após a concepção do embrião, a gestação e o parto cabiam a mulher, ela suportava sozinha todo o processo, somente na hora do parto, surgem algumas mulheres e um homem, pois uma nova vida radiará naquele ambiente, logo precisa de proteção contemplada pela força física e não afetiva, tanto da parteira como das demais pessoas. Visto que, o parto emerge um ato doloroso, assustador, um prenúncio de dor, ao mesmo tempo em que, anuncia a vida, pode ser sinônimo de morte, perigo com a vida da mãe e da criança.

A dor é vista pela mulher como essencial no processo partutivo e, ao descrever sua evolução e o comportamento assumido, mostra sentir-se em perigo, ameaçada porque revela medo diante do desconforto provocado pela dor. Acredita que supera sua própria resistência física, possa levá-la à morte e roga pelo parto como um evento que possibilitará o término de seu sofrimento. Desse modo, as dores no momento da expulsão terminam aceitas como o fim da parturição. (BEZERRA, 2006, p.05)

O conto permite visualizar o medo sentido pela mãe na hora do parto, a protagonista descreve que ela chora, e ela só chorava quando estava triste, “Lembro-me que quando os meus irmãos iam nascer, mamãe chorava, abraçava a gente e um clima muito tenso pairava no ar” (SABINO, 2009, p. 01), o processo partutivo gerou alguma situação que a menina não conseguiu descrever com precisão, pois nada entendia sobre nascimento, mas percebeu que a mãe estava angustiada e sofrendo. Ela abraçava seus filhos, um símbolo de proteção de quem quer proteger e precisa ser protegida. A mãe não pode expressar o que sente, precisa ser mais forte do que os filhos, além de tudo, era assunto para adulto, mas buscou no afago dos filhos, força e coragem para expulsar mais um filho do seu ventre e poder anunciar aos seus que era mãe mais uma vez, uma guerreira capaz de superar seus próprios limites.

A narrativa permite delinear a divisão dos gêneros na constituição familiar, apesar do nascimento acontecer no berço de uma família convencional, em casa com ajuda da parteira, a obrigatoriedade com a maternidade seria feminina. O pai não foi descrito em passagem alguma no processo do parto. A mulher gerou e deu a luz. É a expressão do mito da inferioridade feminina, a mulher responde por alguns segmentos de cunho natural pertinente ao seu gênero, dentre eles, a procriação. Não é soberana, a ela compete somente

o que a natureza lhe permite, não tinha acesso conhecer seu corpo e ter limites sobre ele, pois tudo era determinado sem o consentimento dela.

Desde a cultura greco-romana, a condição feminina é representada como passiva e inferior, tomando como parâmetro o padrão anatômico, fisiológico e psicológico masculino. Toda a carga histórica de valores e comportamentos diferenciados e discriminatórios entre homens e mulheres fundou o que se convencionou chamar relações de gênero, constituídas e perpetuadas social e economicamente e determinadas pela cultura e pela história. PIRES, 2003, p. 207).

A mulher procura superar sua dependência e inferioridade, mas no conto o único momento que a permite sentir-se estranhamente 'superior' restringiu-se a condição de gerar e dar a vida, porque transitou uma passagem independente do macho, embora solitária e sofrida, segundo o olhar da menina protagonista, "Lembro-me quando meus irmãos iam nascer, mamãe chorava, abraçava a gente [...] Era um misto de alegria e tristeza. Acho que era mais tristeza porque se mamãe chorava era porque não era coisa boa" (SABINO, 2009, p.01). Ou seja, não havia certeza de felicidade com a chegada da criança. Era um processo de incerteza que precisava ser superada e a única certeza que carregava consigo era sua fé religiosa. Assim, esse clima não traduziu uma passagem de autonomia feminina, mas limitado e sofrido. O ambiente do nascimento era tenso, e os sentimentos se mesclavam entre dor e alegria. Cabe lembrar que na cultura judaico-cristã a procriação foi uma maldição e punição de Deus, devido à origem do pecado original: "Multiplicareis sobremodo os sofrimentos de tua gravidez: em meio de dores darás a luz filhos" (ROMERO, 1995, p. 110). É como se estivesse prescrito que a mulher deve sofrer solitária a dor e os riscos do parto. Cabe salientar que a mulher do conto, é posta ao sofrimento natural e aos riscos do parto, um formato primário sem assistência médica, fator que pode comprometer a própria vida da mãe e da criança, mas tudo se justificava, por ser ela mulher, logo deveria sofrer.

Mesmo que no texto houvesse uma predisposição para um modelo social matriarcal, sem a presença masculina do pai, percebe-se a influência cultural de um universo pensado a partir do olhar andocrêntrico, onde a mulher tinha papéis definidos, a maternidade não era opção, era uma necessidade, imposição a fêmea, aquela que não procriasse não era vista mulher por inteira. Aquela que não tivesse filhos era discriminada entre as próprias mulheres, seria inferior as demais. Essa formação castradora com certeza foi pensada para que não fosse um ser capaz de pensar e tomar decisões, embora muitas vezes seus homens migrassem em busca de novas frentes de trabalho e eram elas que educavam e alimentavam seus filhos. Uma cultura contraditória, por um lado eram percebidas como incapazes, desprovidas de saber, por outro, elas geravam, administravam seus lares, e os homens se faziam presentes em poucas ocasiões, entre elas na concepção dos filhos, que poderia ser sentida como mais agruras do que propriamente momentos de intenso prazer a mulher. Essa submissão velada pode ser entendida por:

Violência simbólica, aquela violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce pelas vias essencialmente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente do desconhecimento, do reconhecimento ou em última instância, do sentimento.

---

(BOURDIEU, 2002, p.04)

A violência simbólica feminina tornava as mulheres assujeitadas, ocultas, invisíveis e pensadas a partir do homem, e inconscientemente reproduzem essa cultura violenta, moralista e castradora às outras mulheres ainda meninas - suas filhas, assim ocultavam informações sobre o corpo feminino, porque foram educadas com reservas, determinava-se o que podiam ouvir e viver. Fato que não permitiu a protagonista menina encontrar respostas às suas dúvidas sobre a maternidade.

Dentre esses mistérios do corpo feminino, encontrava-se o parto, os tabus e mitos assombravam as tentativas frustradas de explicar a origem da vida, as mulheres não podiam revelar o que sabiam as meninas, porque se entendia que eram crianças, e invadiria os princípios da idolatria a moral da família, pois tudo que se associassem as questões sexuais eram percebidas como profanas e impuras nas vozes e atitudes das crianças. No entanto, a menina do conto, apesar de viver distante das modernidades e tecnologias, com pouco acesso a informações que ultrapassassem o entorno do seu universo rural, era questionadora, queria conhecer o mundo, a vida, embora as mulheres de sua família a percebessem como perturbadora e inquieta, ela rompia com a formação secular das mulheres que diziam : "Sai daí menina enxerida!" (SABINO, 2009, p.01). Era uma criança a frente do seu tempo, uma raridade, curiosa e desafiadora, porque não se satisfazia com as respostas prontas. No seu mundo indagava-se como se pudesse encontrar soluções para seus dissabores de menina, que apenas queria entender como seus irmãos nasciam, aparentemente nada de impuro e profano aos olhos de uma criança em fase de descobertas.

A protagonista, ainda menina, ficava injuriada, para ela a explicação que seus irmãos chegavam do céu não a satisfazia, e questionava: "Mas o que é que a gente não pode ver? E por que é que a gente não pode ver? Deve ser uma coisa muito errada! Deve ser algo muito feio. Mas que diacho e isso que não podemos ver, meu Deus?". (SABINO, 2009, p.09). É a castração do corpo feito pela própria mulher aos seus pares e sob a perspectiva da menina, tudo que a princípio era proibido à criança, era percebido por ela como errado, feio, profano.

A menina compunha um novo cenário feminino, suas interrogações traçavam um novo formato de pensar a vida e o corpo feminino, até então vivido pelas mulheres de sua família, as quais estavam sob os alofortes da dominação, opressão de uma estrutura familiar, e desconheciam que a formação dos gêneros em alguns ambientes sociais, passava por momentos de reflexão, pois viviam quase que isoladas dos fatos, realimentavam-se dos acontecimentos e informações transmitidas pelas gerações de suas mães. A partir disso, deduz-se que a menina também deveria reproduzir a mesma formação, mas as pessoas são cheias de surpresas, dentre aquele universo, havia uma menina que conseguiu refletir sobre sua ambiência, mesmo sem um conhecimento elaborado sobre o questionado, ela nem sonhava que o pensado por ela em relação ao corpo e as relações sociais, já fosse tema de intensas discussões no Brasil, era a luta pela emancipação da mulher, no entanto, um processo silencioso, lento e distante nas regiões periféricas do país, onde a mulher passou por estágios de vida que foram desde a selvageria à civilização, subjugada e explorada pelo sexo oposto consciente e até inconsciente de acordo com seus valores culturais.



A busca pela emancipação feminina, a superação dos conflitos de inferioridade do gênero como um segundo sexo, teve a matriz de promover a inserção de ambos os sexos, numa sociedade onde fossem tratados como pessoas, e não como objetos prontos com papéis pré-determinados antes mesmo de nascer.

O conceito de gênero tem o objetivo de chamar a atenção sobre a construção social dos sexos, sobre a produção do feminino e do masculino, não como algo dado e pronto no momento do nascimento, mas como um processo que se dá ao longo de toda a vida e vai fazendo com que as pessoas, os sujeitos, se tornem homens e mulheres de formas muito diversificadas, sempre de acordo com o que aquela sociedade, aquele momento histórico, a sua cultura, as suas relações étnicas, religiosas, de classe, consideram, permitem e possibilitam (CONFORTIN, 2003, p.107).

No decorrer dos tempos, a humanidade sob a observação masculina, reproduziu e transmitiu conceitos equivocados em relação às mulheres e estas sem voz, acabaram auxiliando a disseminação de ideias contra elas próprias. Viviam um mundo sob os alofortes não construídos a partir delas, mas em função do ser masculino. Aquele que não representou a identidade do gênero feminino, ou seja, foi a masculinização da imagem da mulher. Assim eram educadas para não construírem uma imagem própria de ser mulher, com desejos e aspirações, deveriam seguir dogmas.

No conto, a menina rompe com os estigmas da masculinização da mulher, ela quer saber, associou o processo da digestão com o nascimento, era algo que ela conhecia, e entendia que ao ingerir um alimento ele sairia. “Quando a gente come, a comida toda que fica sai pelo reto. [...]. Com base na minha descoberta e usando o pensamento lógico, de que se a comida da barriga sai pelo reto, logo imaginei: então a gente nasce pelo cú!” (SABINO, 2009, p. 02). Eram tentativas de entender o corpo, já que não recebia informações que a satisfizesse. E ela continuava suas indagações: “Será que alguém pode nascer por lá? Será que vem da mesma tripa junto com as fezes?” (SABINO, 2009, p.02). Uma menina sábia cheia de interrogações, no entanto sem respostas, os adultos encobriam qualquer possibilidade dela navegar por conceitos aproximados da realidade materna, pois as lendas se encarregavam de informar o processo do nascimento. Cabe lembrar que a menina parou de questionar as mulheres e começou a elaborar suas próprias proposições acerca de suas curiosidades, porque só recebia respostas insanas para quem buscava entender os fatos.

A menina estava numa fase de descobertas do seu corpo, dialogava com ele, pois não tinha a quem recorrer para sanar suas incertezas, ela criava mecanismos de defesa para entender-se, admirava até mesmo suas fezes, as personificava, e as via como arte, quase uma escultura. “Quando as fezes saíam do ânus, caindo no chão, personificava-se, como se fosse gente, transformando-se em um tolete, quase uma escultura, com um lindo formato vertical. Eu adorava minha obra.” (SABINO, 2009, p. 02). A menina não via impurezas em nada que viesse de seu corpo, tudo era puro e lindo. Ela não tinha as máculas do preconceito, tudo era natural e assim deveria ser sentido e vivido. O retrato de um choque cultural entre as gerações de mulheres da sua família. Como ela poderia

pensar tão diferente, romper arquétipos, querer ver o mundo maternal num formato sem complexidades se ela somente tinha vivido a cultura retraída de sua mãe e das mulheres da sua comunidade. São as diferenças preconizadas que brotaram da própria menina.

Num determinado momento da vida, a protagonista viaja além do círculo familiar e conhece a escola da cidade, lá descobriu como nascia um bebê, mas não ficou satisfeita e buscou sentidos no seu corpo, única possibilidade, naquele momento.

Fiquei sabendo que criança nascia pela vagina. Dei uma olhadinha em mim, com um espelho, especificamente em minhas partes íntimas, e achei impossível que aquilo fosse verdade. Agachei-me, pus meus pés em dois tijolos, e com o espelho amarelo que vivia pendurado na parede pra gente pentear os cabelos, olhei pra baixo. Não vi nada que pudesse passar uma cabeça tão grande quanto à cabeça dos meus irmãos. (SABINO, 2009, p.02)

Ela era curiosa, investigadora e foi fazer um teste com a informação recebida, mais uma vez foram explicações incompletas, não se revelou a anatomia do corpo feminino, restringiu-se a dizer que o bebê nascia pela vagina. A menina não conhecia os mistérios em torno do seu corpo, como entender as diferenças físicas de uma criança e uma mulher adulta com o corpo desenvolvido para receber um filho, suas transformações necessárias e naturais. Tudo era silenciado.

A educação sobre a sexualidade feminina, impôs a menina uma condição de: “eu tinha que nascer de novo” (SABINO, 2009, p.02). Ela não encontrou sentido para aquilo que buscava, sua sexualidade foi tolhida, seus desejos e prazeres ocultados, instaurou-se a marginalização do ser mulher, impedindo um desenvolvimento físico e emocional natural, pois sabia que aquilo que diziam a ela não era real, mascaravam a vida, um formato mecânico de abordar os sentidos do corpo, era o controle da vida feminina exercida pela autoridade materna, aspecto grave, pois a mulher já vivia represálias e obscuridades dos seus desejos e vontades, e ela própria disseminou o protótipo da autoridade da repetição, da impossibilidade de uma menina conhecer-se, pois percebeu que aquilo que sabia de nada servia, vivia uma letargia feminina, não respondia as suas necessidades e por isso teria que nascer de novo, talvez nessa nova vida suas angústias tivessem respostas.

## Referências bibliográficas

- ALBERTI, V. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BEZERRA, M.G. Fatores culturais que interferem nas experiências das mulheres durante o trabalho de parto. Disponível em: HTTP: [www.eerp.usp.br/rlae](http://www.eerp.usp.br/rlae). Acesso em: 03 mar. 2011.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Experiência vivida. Tradução Sérgio Milliet – São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

- 
- BOURDEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Khuner - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. Tradução Leila Souza Mendes - São Leopoldo: EDITORIA UNISINOS, 2008.
- FERREIRA, M. L. **O que os filósofos pensam sobre as mulheres**. São Leopoldo: EDITORA UNISINOS, 2010.
- MIRCEA, E. **O sagrado e o profano**. tradução Rogério Fernandes. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- PIRES, V.L. **A identidade do sujeito feminino**: uma leitura das desigualdades. In: GUILARDI-LUCENA, M. I. **Representações do feminino**. Campinas, SP: Ed. Átomo, 2003.
- PRIORI, M. D. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006
- SABINO, M.P. **A menina que queria nascer de novo**. Sinop: 2009.

